

ELEIÇÕES PARA DCE E A CONSTRUÇÃO DE FORÇA ESTUDANTIL

Entendemos por “Força Estudantil” a capacidade dos estudantes de se auto-organizar, construir meios e lutar para a conquista de objetivos estudantis dentro e fora da universidade, tanto em assuntos de permanência (bolsas estudantis, isenções e auxílios, moradia estudantil), quanto de opressões (LGBTfobia, racismos, machismo, xenofobias) e de classe (produção de conhecimentos científicos voltados para o atendimento das necessidades sociais). Assim, para nós, processos eleitorais para aparelhos estudantis são analisados sob estes critérios e definem o conteúdo de nossa atuação. Nesse sentido, perguntamos: **Participar de eleições para o DCE - mesmo que seja apenas votando - contribui para construir Força Estudantil?** A julgar pelos últimos anos, NÃO. Pelo contrário, DCE e Força Estudantil se tornaram opostos, se é que já estiveram juntos algum dia.

Como o próprio nome diz, o DCE é uma instituição de representação central dos estudantes de uma universidade, o que pressuporia um processo construído de baixo para cima de discussões e tomadas de posição sobre os mais diversos temas até chegar a decisões que abrangessem o conjunto de estudantes de uma dada Universidade. Ao se colocar como prioridade conquistar o aparelho burocrático e institucional do DCE acima da formação de bases sólidas nos cursos e nas salas de aula, **se favorece o poder burocrático ao invés do poder estudantil de base**, o que enfraquece a consolidação de forças estudantis. Os processos de formação do poder dos estudantes estão sob uma lógica invertida e viciada: primeiro se pretende conquistar o topo para então formar as bases. Dá-se maior importância à existência burocrática de Centros e Diretórios Acadêmicos do que às organizações por sala de aula, evidenciando certo fetiche pelo aparelho. Desse modo, o que deveria vir por último (DCE) vira motivo da primeira cobiça de estudantes comprometidos com outros interesses que não o de construir sólidas bases de poder estudantil (aumentar efetivos partidários, assumir cargos na administração da universidade, se preparar para fazer carreira de profissional da política, dentre outros). Sem contar o fato de que **o DCE é inútil para as reivindicações estudantis, mas serve perfeitamente para controlar e enquadrar os estudantes**. Como exemplo que comprova isto basta verificar a intensa movimentação para estar na diretoria do DCE por parte de quase todas as correntes políticas internas da Universidade Federal de Santa Catarina (roselanismo, maçonaria, PCdoB, prestismo, bolivarianos, PSTU...) que colocam, na prática, seus interesses de grupo acima dos

interesses estudantis. Não se trata apenas de criticar tais grupos, mas apontar outros rumos para o próprio movimento. Discordamos que conquistar diretorias de DCE seja a "única alternativa na luta pelas conquistas estudantis" e meio para avançar na consolidação de um movimento estudantil pela base, combativo e antiburocrático.

Defendemos que o movimento estudantil parta das bases, elegendo representantes de turmas, e com esses a formação de Conselhos de Representantes de Turma por curso e de Coletivos de Curso voltados para as necessidades dos estudantes, sem corte ideológico para quem quiser lutar, com pautas concretas e com poder deliberativo superior à própria gestão dos Centros Acadêmicos. Com a organização dos cursos por sala de aula e por turmas - respeitadas as especificidades de cursos com alto índice de evasão e reprovação (física e matemática por exemplo) e de outros cursos que possuem dificuldade de se organizar por sala de aula pela escassa oferta de disciplinas em virtude do sistema de créditos-aula implantado desde 1971 na reforma educacional realizada durante a ditadura militar via acordos MEC-USAID, incentiva-se a prática mais recorrente de Assembleias de Curso, que poderão se ampliar a toda uma Unidade Universitária e, no âmbito do conjunto da Universidade, até a organização de um Congresso Estudantil. Este processo inverte a lógica atual de conquistar o DCE para então fomentar um "trabalho de base", e ultrapassa as ilusões de que nominações enormes (que confundem apoio político com compromisso de trabalho) garantem legitimidade junto ao estudantado ou sejam expressões de força estudantil. Aqui meios e objetivos não devem estar em contradição.

Logo, **se queremos uma Universidade na qual os estudantes tenham cada vez mais espaço**, com garantia de sua permanência e atendimento às suas demandas, torna-se necessário que o próprio movimento estudantil passe a se organizar pela base e que quem dele participar elimine de seu horizonte os vícios e ilusões pelos aparelhos institucionais, entendendo-os, no máximo, como partes auxiliares de uma luta maior.

RESISTIR ATÉ O CAPITAL CAIR

RESISTÊNCIA



AUTONOMISTA